

ITINERÁRIOS EM PERIFERIAS E REDES NO ENTORNO ESCOLAR: DIÁLOGOS COM MORADORAS IDOSAS DA RESTINGA/PORTO ALEGRE¹

ITINERARIES IN PERIPHERIES AND NETWORKS IN THE SCHOOL ENVIRONMENT: DIALOGUES WITH OLD FEMALE RESIDENTS OF RESTINGA/PORTO ALEGRE

ITINERARIOS EN PERIFERIAS Y REDES EM EL ENTORNO ESCOLAR: DIÁLOGOS CON MORADORAS IDOSAS DE LA RESTINGA/PORTO ALEGRE

PINHEIRO, Leandro Rogério²

RESUMO

O artigo problematiza as redes de ação que compunham os itinerários biográficos de moradoras idosas do bairro Restinga, em Porto Alegre/RS, analisando as articulações com experiências escolares. Para tanto, apoia-se em contribuições de Martuccelli e de Requena Santos na delimitação de suportes e redes sociais. Após um inventário das condições sociais e dos arranjos relacionais gerenciados pelas mulheres, o texto destaca os laços com as arenas política, religiosa e musical-carnavalesca, transversalizadas pela pertença territorial, como espaços sociais de diferenciação dos percursos. O lugar da escola é interpretado, então, a partir do espaço de possíveis construído, de modo a indicar sentidos diversos para as vivências na instituição, na ação política ou na temporalidade distinta da laboral.

Palavras-chave: Redes sociais. Suportes. Entorno escolar. Periferias. Mulheres.

ABSTRACT

This study problematizes the networks of elderly women's biographical itineraries, in Restinga neighborhood, Porto Alegre/Brazil, by analyzing articulations vis-à-vis the school experiences. For such, this study relies on contributions from Martuccelli and Requena Santos concerning the delimitation of supports and social networks. After an inventory of the social conditions and of the relational arrangements managed by these women, this study highlights the links with the political, religious and musical-carnival arenas, regarded as social spaces of itinerary differentiation. The place of the school is interpreted from the spaces of the possibilities produced, so that they can indicate different meanings for these experiences in the institution, in relation to political actions or labor activities.

Keywords: Social networks. Supports. School environment. Periphery. Women.

RESUMEN

El artículo problematiza las redes de acción en los itinerarios biográficos de moradoras mayores del barrio Restinga, en Porto Alegre/Brasil, analizando las articulaciones con experiencias escolares. Considera, así, las contribuciones de Martuccelli y de Requena Santos en la delimitación de soportes y redes sociales. Tras un inventario de las condiciones sociales y de los conjuntos relacionales gerenciados por estas mujeres, el texto destaca los lazos con las arenas política, religiosa y musical-carnavalesca como espacios sociales de diferenciación de los recorridos. El lugar de la escuela es interpretado, adelante, desde los espacios de posibles construídos y hacia sentidos diversos para las vivencias en la institución, en la acción política o en la temporalidad distinta de la laboral.

Palabras clave: Redes sociales. Soportes. Entorno escolar. Periferias. Mujeres.

INTRODUÇÃO

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – Porto Alegre – Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-5041-4939>.

A narrativa apresentada aqui resulta de encontros com mulheres idosas moradoras do bairro Restinga, extremo sul da cidade de Porto Alegre, sendo parte delas estudantes na Educação de Jovens e Adultos - EJA. Tínhamos a intenção de conhecer as práticas cotidianas de moradoras daquela localidade e, desde as redes de ação e sociabilidade que produziam, saber das pertencas naquele lugar.

De forma geral, nossas interlocutoras se mostravam motivadas pela possibilidade de partilhar lembranças, as quais, dada a longevidade de suas trajetórias, consolidavam vivências estendidas de quadros culturais e familiares, elaboradas em condição existencial já menos incitada pelas demandas do presente e as projeções de futuro. Elas se apresentaram a nós a partir de uma dinâmica de rodas de conversa e entrevistas realizadas entre outubro de 2014 e agosto de 2016.

Para efeito desta escrita, detemo-nos a identificar as redes de ação que compunham os itinerários biográficos, analisando as articulações destas com experiências narradas em relação à instituição escolar. Orientando-nos, desta forma, às agências operadas pelos sujeitos na integração e produção de suportes às suas vivências para compreendermos a relação estabelecida com a escola. Neste sentido, inspiramo-nos em contribuições de Martuccelli (2007; 2016), recorrendo a uma delimitação metodológica específica relativa às redes sociais, segundo as interpreta Requena Santos (2001).

Desde o contraste dos itinerários contados e destes com os fragmentos que nos chegaram nas histórias e causos enunciados nas diversas rodas de conversa, procuraremos tratar aspectos recorrentes na configuração das narrativas biográficas, passando em seguida às redes de ação consideradas mais significativas nos percursos. Depois, destacaremos o lugar da escola em associação às práticas de nossas interlocutoras. Antes, porém, faz-se necessário trazer mais informações sobre contexto e referentes de nossas análises.

CONTEXTO E REFERENTES

O bairro Restinga, localizado no extremo sul do município de Porto Alegre, foi criado por políticas higienizadoras do poder público no final dos anos 1960. Resultou da remoção de famílias das então chamadas "vilas de malocas", comunidades cujas habitações eram precárias e possuíam maioria de população negra. A localização de tais moradias era próxima ao centro da cidade, em área cobiçada pelo mercado imobiliário (NUNES, 1990). Apesar das conquistas dos moradores, ainda é uma das localidades mais empobrecidas e com elevados índices de violência social na cidade (OBSERVAPOA, 2016), e configura uma área onde as narrativas pessoais e familiares evidenciam a afluência de processos históricos de exclusão.

Nesse contexto, temos estabelecido diálogos com diferentes grupos de ativistas e moradores, visando conhecer as pertencas, os desafios e os suportes que constituem o cotidiano. Neste artigo, contudo, destacaremos o diálogo com setes idosas (sendo duas vinculadas à EJA), por serem estas as que dispuseram não só às entrevistas, mas também às rodas de conversa de maneira efetiva,

ampliando as informações sobre os itinerários e os espaços de ação. Trata-se de pessoas com longa experiência de moradia na localidade e com vivência da consolidação do bairro frente às adversidades de um locus precarizado.

Embora o mote inicial tenha sido lançado por nós, pesquisadores, os encontros se configuraram desde a atuação marcante de nossas interlocutoras, fazendo daqueles momentos dinâmicas de sociabilidade à volta da mesa, quando comíamos e conversávamos como se fôssemos visitas à casa de amigas. Inicialmente, falávamos sobre imagens fotográficas que possuíam e, a partir daí, conhecemos fragmentos de suas trajetórias e da história do bairro. Depois de meses, passamos a realizar entrevistas narrativas (JOVCHELOVITCH, 2002), desenhando assim itinerários biográficos.

Para tanto, recorremos às contribuições de Martuccelli (2007; 2016). As proposições do autor sinalizam que as relações sociais contemporâneas instigam experiências diversas, contribuindo para que estas se particularizem mesmo quando as pessoas ocupam posições sociais assemelhadas. Sua interpretação orienta-se ao processo de singularização estruturalmente produzido na modernidade e propõe operadores analíticos para a compreensão das formas pelas quais os indivíduos se constituem na relação com aspectos que perpassam a socialização na coletividade.

Nesse sentido, a noção heurística de "prova social" remete-nos aos desafios sócio históricos que os indivíduos são impelidos a enfrentar (conforme as condições sociais em que se encontram) e que podem ser vivenciados singularmente. E a tal conceito o autor associa também a noção de "suporte", para falar das relações que amparam os indivíduos no enfrentamento de seus desafios existenciais. Aí, podemos situar laços familiares e de reciprocidade, redes de amizade e sociabilidade, referências simbólicas ou, então, a articulação a aparatos institucionais que garantam e/ou promovam condições para que os sujeitos efetivem seus projetos e/ou logrem seguir em disputa. Nas palavras do autor:

A sociologia, sem menosprezar o papel das grandes posições de classe, deve descrever mais diligentemente as posições efetivas dos atores. E isso exige não esquecer a análise dos contextos de ação dos indivíduos estudados, as ajudas de que dispõem ou não, para responder aos imperativos de flexibilidade, de mobilidade, para suportar as precariedades do emprego: ter acesso a seguridade social; ter uma família que possa prestar ajuda; ter um emprego estável; ter vínculos a um lugar. Todo indivíduo está inserido em um sistema complexo de interdependências: daí a necessidade de compreender como indivíduos que vivem em contextos muito diferentes podem ter experiências similares e como, a sua vez, indivíduos que vivem situações supostamente semelhantes enfrentam provas-desafios a partir de contextos muito diversos. (MARTUCCELLI, 2016, p. 58).

Nos limites do que apresentamos, voltamo-nos aos suportes mais especificamente e, dentre estes, assinalamos redes de ação e vínculos com a escola. Neste sentido, com apoio de Requena Santos (2001), assumimos que "la red efectiva de una persona es el conjunto de individuos que aquélla está em condiciones de poder movilizar cuando necessita algo concreto" e que "la combinación de la red efectiva com la red extendida nos lleva a pensar em términos de los conjuntos de acción" (p. 45).

Ao inventariarmos os arranjos relacionais mais frequentemente citados, buscamos observar que singularizações eram proporcionadas às nossas interlocutoras, embora estivessem sob condições econômicas, habitacionais e étnicas assemelhadas. Tomaremos para análise subsequente as experiências de mulheres com idades entre 60 e 75 anos, todas autodeclaradas negras, residentes há

pelo menos 30 anos no bairro Restinga, de forma que uma análise transversal dos percursos nos indique aproximações e contrastes e indicie suportes pertinentes à produção dos itinerários.

ENTRE FRAGMENTOS E ITINERÁRIOS CONTADOS, AS REDES SOCIAIS

A cada encontro na Restinga, visitávamos uma das residências. Não raro, aquelas idosas nos confidenciavam suas preocupações com os conflitos do tráfico de drogas e com a violência do entorno; lamentavam também a precariedade dos serviços de saúde, mas, de outra parte, versavam sobre as conquistas históricas da comunidade e sobre a necessidade de valorizar o que já fora realizado, procurando relativizar as adversidades.

Essas idosas eram referência para as tomadas de decisão, quando não eram participantes ativas no sustento familiar, aproximando-se da realidade nacional de aumento do número de famílias chefiadas por idosos, provocado, de um lado, pela consolidação de benefícios sociais nas últimas décadas e, de outro, pela condição instável e precária de acesso dos jovens ao mercado de trabalho (BUAES, 2015). Nesse cenário, é preciso ter em mente também que a composição dos lares de nossas interlocutoras, a exemplo das dinâmicas familiares de grupos populares (FONSECA, 2004), organiza-se desde composições diversas e extensas. Em alguns casos, inclui-se a existência de mais de uma casa em cada pátio, sendo que os residentes destas vivem de maneira interdependente e, de forma geral, mediante a configuração de laços de reciprocidade entre avós, filhos(as) e netos(as).

Se passarmos aos percursos biográficos propriamente, estes expõem precariedade de acesso a recursos, incluindo: a origem em grupos familiares com acesso vulnerabilizado à renda, moradia e escolarização; o trânsito por diferentes espaços (incluindo-se, aí, a migração interior-capital na maioria dos casos) na busca por trabalho, ou mesmo pela possibilidade de vivências menos opressivas; e a intermitência e/ou incompletude da carreira escolar.

A medida que os encontros se tornavam frequentes, os relatos de experiências de racismo ganhavam lugar nas conversações. Eram comuns as passagens na infância ou juventude associadas à exploração de trabalho e a interdições aos estudos efetuadas por patrões; situações de segregação no acesso ao emprego ou no convívio em ambiente laboral.

Eu consegui uma vaga mesmo, era pra trabalhar nesse hospital através de um contato, de uma pessoa conhecida. Aí, lá eu inventei de tomar as dores e pegar a causa em defesa dos meus colegas e ir contra o parente de um paciente. A partir dali eu cavei uma briga grande com o chefe da radiologia. Dele chegar a ponto de dizer que eu deveria voltar pro balde e a vassoura, porque aquele setor o negro era muito audacioso e petulante de querer, né. (Nandi, jan/2015).

A discriminação estruturada por racismo se dava, ademais, em associação à construção de guetos profissionais, destacadamente em ofícios do "cuidado", com menor remuneração e menos qualificação, que integravam segregações de gênero. Todas relataram a prática de serviços domésticos como ocupação já durante a infância, muitas vezes permanecendo na área durante a vida adulta. Nas circunstâncias em que produziram sua subsistência, tais atribuições ambientaram a formação de disposições, converteram-se em possibilidade de trabalho remunerado e tornaram-se um

ofício naturalizado. Situação esta consonante à tradicional conformação do trabalho doméstico como "gueto" profissional feminizado (BRUSCHINI, 2007).

De outra parte, se observamos os agenciamentos operados no cotidiano, o vínculo com os serviços domésticos ganha novos elementos. O espaço de realização do ofício se constituía como possibilidade de moradia (na casa de patrões) em condição material superior à de origem e, em alguns casos, trazia oportunidade para sociabilidade e eventuais acessos culturais por aproximação a núcleos familiares diferentes e mais abastados que os de origem. E, no curso de itinerários permeados por instabilidade, trânsito e mudanças de locais de labuta, o ofício também ambientava a produção de saberes, construídos por observação, partilha oral com colegas e patrões e certa experimentação, como algo ensaístico e tributário do que se faz no desenrolar da experiência de quem precisa encontrar meios para fazer mesmo quando não houve prévia preparação. O efeito disso era a produção de narrativas que enalteciam a capacidade de superação e, por vezes, a visibilização de uma dura dualidade, em que, conhecendo e usufruindo recursos que lhes agradavam, as mulheres enunciavam o ofício (em que se consubstanciara situações de exploração) desde os poucos casos de distinção.

Eu tinha o carro pra me buscar em casa. Quarta-feira eu tinha manicure e pedicure. E só cozinhava, punha a comida nos pratos, arrumava direitinho e a copeira é que levava lá dentro. Duas horas eu estava voltando pra minha casa, a condução vinha me trazer em casa de novo. Eu tinha uma vida de rainha, andando pra lá e pra cá. (Helena, mar/2015).

Outro aspecto a realçar para este grupo etário é a relação com o território, que remonta a situações de migração campo-cidade. Neste caso, os deslocamentos ocorreram não necessariamente como decorrência direta da mecanização do campo, mas pelo efeito articulado de concentração de recursos na região metropolitana da capital do Estado (via industrialização e urbanização), e as promessas de alternativas ampliadas de subsistência e mobilidade social que são atreladas a estes contextos, ainda que os acessos aos recursos se erijam de maneira ostensivamente desigual. Cabe lembrar que o período reconhecido como de "substituição de importações" (1930-80), que acaba por compreender a migração de nossas interlocutoras, foi caracterizado pela formação de áreas geograficamente periféricas nos principais polos metropolitanos do país (RIBEIRO, 2006).

Não recebia dinheiro; era só por comida e roupa.

Quando a minha mãe foi lá me visitar, eu quis embora, né. Só que eu não tinha falado nada pra patroa que eu ia embora, mas eu tava com a malinha pronta. Falaram "Luci tua mãe tá aqui", eu já vim lá do quarto com a minha malinha. Ela [patroa] me batia porque eu não sabia cuidar de uma casa. Também nem fui pra lá pra isso. Mas daí ela começou a me empurrar serviço, serviço, que eu não sabia fazer eu aprendi na marra, né. Ela disse que lá tinha colégio perto. Não tinha nada. Aquele ano foi perdido, só trabalhei.

Minhas irmãs viviam na Vila Cruzeiro. Era onde as pessoas mais pobres conseguiam arrumar uma casinha e ficar. Que nem aqui né. Todo mundo foi doméstica, cozinheira de restaurante. As negas eram tudo boa de cozinha, né. (Eva, abril/2016)

Uma vez vivendo na capital, as migrações continuavam a ocorrer entre bairros vulnerabilizados, na busca por trabalho e/ou moradia própria, sendo a Restinga, como localidade em formação, o lugar onde a itinerância teria cessado. A narrativa de Nandi traz caso pertinente neste sentido. Ela mantinha contato com moradores do bairro, amigos que residiam antes na Ilhota, no Areal da Baronesa e na

Lomba do Asseio e que haviam sido removidos para o extremo sul do município. Estes a apoiaram para que encontrasse um lugar por lá e, então, de maneira astuciosa conseguiu agenciar a venda da casa onde morava, emprestada por parente, e adquirir o espaço onde residia quando dialogávamos.

Os depoimentos sobre a habitação do bairro Restinga afirmavam que o espaço que naquele momento habitavam em nada se parecia com a Restinga que ocuparam há mais de 30 anos. Na época que chegaram à localidade, esta não possuía saneamento básico, rede de energia elétrica e o transporte público era rarefeito. Neste sentido, seus depoimentos guardavam espaço especial para topos que representavam logros do ativismo político na conformação do que a localidade comporta atualmente. Como afirma Lindón (2016), acreditamos que, como algumas das moradoras mais antigas na comunidade, protagonizavam um discurso narrativizado de memórias do lugar, indicando forte articulação desta com a produção de suas pertenças. Indiciava-se a adoção de uma concepção que contrastava o "início" e o "agora" desde a indicação de ausências e conquistas respectivamente, o que guardaria relação com uma das características notabilizadas sobre o bairro, a saber, sua organização político-comunitária. A identificação com o lugar e a narração topológica do mesmo se organizava desde a atribuição de sentido a pontos da comunidade mediante o evocar mnemônico dos feitos que teriam criado a condição polarizada na história local. E poderíamos aventar os limites de tal caracterização, dado que não seriam somente ausências de início e que tampouco as conquistas seriam suficientes ou satisfatórias. No entanto, para fins de nossa análise, a construção sócio espacial indicava participação em certo senso de coletividade local.

Contudo, havia nuances em tal pertença, segundo o tempo de moradia naquele espaço, as vivências fora daquela localidade e a intensidade de engajamento nas atividades político comunitárias, incluindo-se aí a atuação em clubes de mães, associações de moradores, escolas de samba e iniciativas religiosas. Aliás, no conjunto de narrativas que produzimos em campo, a condição assemelhada relativa às condições de renda, moradia, segregação racial e segmentação laboral de gênero passava a indicar diferenciações conforme vislumbrávamos participações específicas, nas arenas política e musical-recreativa, em âmbitos de vinculação religiosa e em espaços de acesso a capital cultural.

Tava difícil a situação: transporte, educação, saúde. Foi aonde nós formamos o Clube de Mães. [...] Aí, juntei com umas parceiras [...] que na época, Clube de Mães era uma das entidades fortíssimas, que conseguia tudo, antes das associações. [...] Aí, na época, o prefeito era o Vilela e eu criei uma amizade muito forte com a esposa dele, que era presidente do Movimento Assistencial de Porto Alegre, e ela nos deu todos caminhos, toda a assistência jurídica e tudo pra esse nosso Clube de Mães se criar. (Nandi, jul/2015)

A arena política parece ter se configurado como um espaço de distinção para algumas de nossas interlocutoras. Em alguns casos, já teriam experienciado aproximações em função dos interesses políticos e participações comunitárias de parentes e, também, pela incursão em iniciativas de política estudantil nos anos 1960. Contudo, quando passam a atuar na mobilização comunitária na Restinga Velha, conquistam notoriedade na comunidade e, junto a outras mulheres, se estabelecem em disputas por recursos, acessando departamentos políticos em espaços institucionais. Noutros casos, a atuação política e a relação com o lugar também se configuravam na integração a conjuntos

de ação relativos a atividades musicais-recreativas, como as escolas de samba e a fruição no carnaval. Entretanto, cabe registrar, a ação política tendia à esfera comunitária, com contatos episódicos com espaços institucionalizados, onde prepondera historicamente a atuação masculina, em aproximação ao relatado por Sacchet (2009) acerca das distinções de gênero na conformação de capitais sociais.

A maioria referia crenças religiosas em suas falas, mas havia quem as narrasse com mais ênfase e indicava pertenças duradouras. Poderia compor os referentes de atuação em profissões do cuidado em alguns casos. Em certa ocasião por exemplo, Helena nos contou que era preciso confiar nos médicos, mas seria necessário reconhecer que haveria quem guiasse as mãos destes. Assim, parecia apropriar reflexivamente o sistema simbólico da doutrina espírita ao seu cotidiano e, desta forma, parecia tomar posição frente às vulnerabilidades sentidas no trabalho de muitos anos, na enfermagem.

Para outras, a vinculação a igrejas desenhava possibilidades de circulação pela urbe. Então, além das rotinas associadas ao trabalho e à EJA, mantinham frequência regular aos cultos e, por vezes, saíam em viagens para outras cidades, em eventos organizados pelas agremiações religiosas. E havia ainda quem lograsse distinção como referência religiosa na comunidade, associando o ativismo político e as lutas por melhorias de infraestrutura no bairro. O caso de Rosa é exemplar neste sentido. Em nosso primeiro contato, no seu local de trabalho como auxiliar de serviços gerais, a encontramos vestida de uniforme, junto a outras colegas igualmente trajadas. Na primeira roda de conversa em que participou, fez questão de carregar signos de suas pertenças: turbante, camiseta de uma escola de samba e colar de guias.

Eu sou uma pessoa que se tu entrá na Restinga, em qualquer casa de religião: "oh que que vocês têm pra falar da Mãe Rosa?". Eu tenho certeza que ninguém vai falar mal de mim. Porque tem dias na minha casa, que eu tenho mais de dez convites. Teve uma vez que eu tive dezoito num dia, um sábado dentro da Restinga. As pessoas diz: "ai, a senhora não veio na minha casa por que?!". Eu disse assim: "mas gente, não posso". As vezes eu mando um filho pra cá, outro filho pra lá, pra me representá. (Rosa, ago/2016).

Passemos, agora, às principais redes sociais relacionadas às características que narramos para os itinerários em estudo, para comentarmos em seguida e de forma específica relações com a escola.

UM BREVE INVENTÁRIO DAS REDES

O primeiro ponto a realçar no conjunto dos itinerários, as narrativas acentuavam a importância de laços familiares. Foram as redes gestadas a partir daí que configuraram as possibilidades e/ou contingências de trânsito no início dos percursos biográficos. Neste sentido, as dinâmicas familiares ambientam provas associadas à subsistência, interpelando em certo "fazer por si": cedo foram lançadas à responsabilização em atividades laborais e ao trânsito por diferentes espaços, conforme possibilitaram as redes formadas por seus responsáveis. Poderíamos citar como exemplo as lembranças de Nila: segundo recomendava seu pai, "pobre tem que procurar uma árvore que tenha bastante galhos e que dê bastante sombra". Referia-se à tática de distribuir as filhas entre as famílias abastadas com quem estabelecera relações. Rede esta associada, de outra parte, a interações

personalizadas, de exploração e discriminatórias, onde se situavam as artimanhas de quem não tem um "próprio" (DE CERTEAU, 2011).

Redes de outras ordens parecem ter configurado também o espaço de possíveis de nossas interlocutoras, convertendo-se em uma espécie de capital social muitas vezes. A qualidade deste capital parece ter sido um dos fatores de diferenciação dos itinerários. Havia quem tivesse oportunidades contingenciadas pelas condições e relações de seus familiares e, então, fizeram do trabalho um espaço importante de aprendizagens e sociabilidades até a aposentadoria. Já Rosa, Helena e Nandi integraram redes mais diversas, incluindo-se as sociabilidades vinculadas à condição e territorialidade étnica e/ou cultural (negra, religiosa e musical-carnavalesca) e as articulações políticas.

A primeira vez que eu saí? em carnaval - que eu botei o pé? na avenida, na Borges de Medeiros, eu tinha 16 pra 17 anos. Junto com o meu pai. Então, a minha mãe botou, me fez uma fantasiazinha. O ano que a Praiana saiu de Dama Antiga, e aí? a, a minha mãe fez uma fantasiazinha de Dama Antiga pra mim e me botou na cola do pai, que não era pra eu largar da mão dele de jeito nenhum. (Nandi, jan/2015).

A partilha de saberes vinculados à vivência musical e artística (neste caso, sobretudo carnavalesca) ambientava capital cultural específico e, partir deste, erigiam-se relações que poderiam convertê-lo em novo capital social. Não raro, contavam-nos relações que oportunizavam momentos de fruição e entretenimento e traziam ao cotidiano experiências distintas da estrita busca de subsistência. Também a sociabilidade engendrada pela fruição musical e festiva ambientava situações de apoio e reciprocidade, quando não de protagonismo político.

A relação com o território se articula com o que narramos. Seja na consolidação de moradias (e da estabilidade que representam), seja nas reivindicações por melhorias infraestruturais no bairro, as lidas com espaço cidadão conformou uma das arenas de disputas no qual precisavam e procuraram se afirmar, desde o qual algumas alicerçaram processo de identificação e lograram certa distinção ao integrar redes de ação nas lutas comunitárias.

Devemos mencionar, ainda, os arranjos relacionais e referências simbólicas construídos na associação a igrejas. De forma geral, as narrativas traziam a expressão de certa religiosidade tácita, indiciando a crença em elementos transcendentais como base no confronto das adversidades, destacadamente nos anseios do convívio com a finitude da vida. Verbalizavam recorrentemente nas conversas e nos casos, numa apropriação que nem sempre indicava filiação institucional, mas refletia referências e justificação para as ações frente ao imponderável.

De outra parte, para algumas os vínculos com igrejas conformavam espaços de distinção e/ou integração, pelo qual configuravam parte de sua circulação pela urbe e vivenciavam reconhecimento em redes de apoio mútuo e de sociabilidade; era onde encontravam, em congruência, um sistema simbólico desde o qual operavam reflexivamente, buscando explicações para o experienciado e atribuindo sentidos a passagens do itinerário. Nesse sentido, poderíamos mencionar como exemplo a interpretação de Rosemari acerca da ocupação da área para sua residência: uma tomada de posição que, não prescindindo de justificação moral, ela elaborava apropriando reflexivamente os códigos de sua comunidade religiosa.

Naquela época, a gente tava indo nas reuniões pra conseguir terreno e casa. E ali, não sei por que motivo, eles desativaram, né. Porque antes faziam muitas festas e aniversário e coisa assim [...] E aí um dia, eu morava ainda nos fundos da casa da minha irmã, o Gilvan disse pra mim "Eva, tão invadindo a associação". Eu digo, ele disse assim "vamos invadir também?". Eu digo "não, não vamos invadir nada; vamos esperar. Vamos colocar na mão de Deus. Eu vou orar. Se até o amanhecer, aquele outro lado tiver vazio, é uma resposta de Deus que é para nós". E aí, dito e feito. No outro dia, ele olhou e disse assim: "Eva, o outro lado tá vazio!"; eu digo "Então, a gente vai se mudar pra lá!". Aí, eu tava limpando com a mangueira, lavando tudo. Nisso, chegou o presidente da associação e disse "quem é que tá aí?". Eu digo "sou eu, Beto". Ele disse: "ah, Rose, graças a Deus, esse lugar aqui era guardado pra senhora". (Rosemari, maio/2015).

Embora essas mulheres vivam em uma mesma localidade de periferia, e compartilhem condições econômicas assemelhadas dentro da cidade de Porto Alegre, as redes que elas integraram as apoiaram na subsistência e diferiram suas possibilidades de acesso cultural. As situações de segregação racial e de gênero intensificavam as adversidades enfrentadas, ao passo que as relações informais (pelo carnaval, na igreja, na política) trazem indícios de diversificação de inserções e sentidos e de diferenciação social.

E ENTÃO, O LUGAR DA ESCOLA

A maioria de nossas interlocutoras chegara a à conclusão do Ensino Fundamental ou nem isso. As interdições geradas pelo imperativo do trabalho ainda na infância, a combinação de discriminações raciais e de gênero e, a partir daí, a necessidade de agenciar redes em percursos de migração e labuta conformaram trajetórias truncadas de escolarização.

Eu era pequena e chamava ela de madrinha [a patroa]. Eu dizia: "madrinha, eu quero terminar os estudos". E ela: "tu não precisa estudar. Negro não precisa estudar; pra que que tu quer estudar, né?". Aí, então, o que que eu fazia? Eu lavava, passava, cozinhava, limpava a casa, que o apartamento era enorme de grande, né. (Rosemari, maio/2015).

Havia quem narrasse o tempo escolar como o tempo do não-trabalho, do reconhecimento da possibilidade de receber atenção ao que desejava. Não estritamente uma vinculação aos propósitos educacionais, mas à possibilidade de não se onerar com as tarefas laborais precocemente assumidas, de experienciar o lúdico, conformavam o sentido da escola. E, neste ínterim, vivência que aportara saberes pertinentes. Eva nos contou, certa vez, sobre o apoio de uma tia que lhe ensinara a cozinhar. Neste caso, descrevia sua sistemática de aprendizagem, que ia das orientações recebidas oralmente à experimentação das receitas e ao uso de um caderno para anotar as alternativas que aprendia e que, inclusive, costumava utilizar como uma espécie de portfólio quando buscava novo emprego. De um lado, uma dinâmica ensaística e experiencial de apropriação dos saberes, vinculada às situações-problema do trabalho; de outro, as possibilidades amparadas pelo domínio, mesmo que rudimentar, de capital cultural legado pela experiência escolar.

Eu ia lá na casa dela: "oh tia, o que que a senhora fez no seu emprego hoje?". "Olha eu fiz isso, isso e isso." Ah então a senhora me ensina como é que se faz. Aí eu anotava assim, assim, assim. [...] Eu tinha uns caderno de receita, eu fazia os cardápio pra semana assim, né. Sempre gostei muito de escrever. Tinha um caderno cheio de cardápios. Meu primeiro emprego que eu peguei pra cozinhar eu não sabia cozinhar na verdade. Eu não sabia fazer variedades de comida. (Eva, abril/2016).

Para aquelas que acessaram a escola depois de adultas, na modalidade EJA, a noção de um projeto biográfico apoiado pela escola, conforme assinala Vieira (2012), não era um horizonte facilmente discernível entre nossas interlocutoras. Eram notadamente aquelas cujas trajetórias não se diferenciaram por distinção em outros campos (político, religioso ou musical) e estudar representava a possibilidade de melhor trânsito pela cidade ou mais autonomia na lida com alternativas de consumo e pagamento de contas. A escola era a oportunidade quando se havia percorrido um longo caminho no mundo do trabalho e quando os filhos já estavam criados.

Então, as freiras nos levaram. Elas nos convidaram para reuniões na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora. Eu achei meio estranho porque quando nós chegamos lá tinha o padre Dom Vicente Scherer, que na época não era arcebispo. E que, tinha uma outra pessoa, eu não me lembro [...] Eles falavam de política e dali comecei a fazer meus contatos. (Nandi, jan/2015).

De outra forma, a permanência na escola levava a experiências diversas das que usualmente podemos considerar, vinculadas ao domínio de determinados conteúdos curriculares. Ora iniciativas que envolviam as alunas em práticas alternativas ou secundárias geravam vivências dignas de registro e eram apresentadas nas narrativas como marcadores nos itinerários. Exemplo disso é trazido no depoimento de Nandi, cuja permanência em internato conduzido por freiras, onde foi deixado para estudar quando seus pais precisaram migrar para o interior do estado. Relatava o aprendizado mais rigoroso de códigos formais na socialização das redes de ação política e de trabalho, onde teria se sentido estimulada a ouvir, ler e aprender a falar "corretamente". Entretanto, no caso dela, para além da aprendizagem da escrita e da aritmética para fins instrumentais, há que se registrar que a escola contribuiu à militância pela qual nossa interlocutora se distinguia à época de nossas conversas.

A exceção no que tange à carreira escolar nesse grupo chegara à conclusão do ensino médio e de um curso técnico em enfermagem, ambos já depois de adulta. Helena iniciou os estudos em escola pública, passando, em seguida, a uma escola particular de freiras, com bolsa concedida pela prefeitura, ainda na cidade de Tapes. Contou-nos que, como ela, todos os irmãos concluíram a passagem pela escola. Verbalizava a importância dada à educação de seus filhos - uma de suas filhas se graduou em enfermagem - e os signos das formaturas decoravam a residência de nossa interlocutora.

Mostrou-nos as fotos e contou lembranças da mobilização de familiares e conhecidos para viabilizar a celebração do que entendiam ser uma conquista da família. Mencionaram também as escolhas e as renúncias do percurso ao priorizarem a conclusão do ensino superior pela parente. As falas de Helena versavam sobre conquistas que não pareciam ser atribuídas exclusivamente à filha graduada, mas ao coletivo, desde suas redes de reciprocidade (entre familiares e amigos), num sobre-esforço que lembra os argumentos de Lahire (1997) sobre as razões do improvável. Sem a possibilidade de um acompanhamento regular por conta das adversidades enfrentadas, a filha de Helena concluiu o ensino superior sob os efeitos da ordem moral familiar, sendo o itinerário escolar da mãe a referência normativa da pertinência da relação escola-emprego.

Em geral, nossas interlocutoras não esmaeciam a valorização simbólica da escola, expressando preocupações de que os mais jovens estudassem, dado que a escola se apresentava como uma

alternativa para mobilidade social, como é comum em grupos populares (ZAGO, 2012). Porém, vale frisar que, a medida que conhecíamos os percursos biográficos, a importância da escola era situada de forma relativa, conforme os êxitos narrados nas arenas de atuação predominantes, de forma que os saberes produzidos na escola se convertiam em suportes de tipos diversos.

Em percursos em que as provas sociais centrais se constituem na relação com o território e a moradia e nas possibilidades de trabalho e subsistência, e em que a segregação racial e de gênero intensificavam as adversidades, a escolarização precisa ser considerada desde as experiências e em relação aos espaços de possíveis em que se situa. A relação com a escola pode ter sentidos diversos e, sobretudo, pode ter participação significativa nos itinerários por práticas que vale inventariar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as esferas de atuação e os suportes que procuramos esboçar acima, tentamos destacar a importância das redes de ação e de algumas referências simbólicas para a subsistência em contextos onde os aparatos públicos têm atuação insuficiente e os direitos sociais vêm sendo negligenciados.

De forma geral, as arenas de atuação carregavam condicionamentos de gênero e étnicos (associados a materiais) e os trabalhos logrados eram aqueles de remuneração inferior. Ratts (2003) traz, neste sentido, análise pertinente das relações entre gênero, raça e espaço nas trajetórias de mulheres negras e acaba por reportar um histórico de migrações e inserções laborais precarizadas, delimitando territórios de circulação e tipos de trabalho na cidade, referindo a recorrência dos serviços como empregada doméstica. Um cenário que parece compor parte da realidade narrada aqui.

Diríamos mesmo que o fio condutor das narrações se orientava pelo contar do percurso das realizações protagonizadas e, aí, as ocupações laborais tinham lugar expressivo. Nesse cenário, de um lado, temos o efeito de uma responsabilização precocemente vivida e visibilizada nos itinerários biográficos, quando precisavam trabalhar para famílias mais abastadas em atividades domésticas e de cuidado, ou mesmo quando exerciam tais atividades nas casas de seus próprios núcleos familiares. E este é o cenário também de instauração do trânsito e da astúcia na feitura dos dias: a diversidade de experiências a configurar itinerários construídos desde a necessidade de "fazer por si", quando as condições de suporte não garantem existência estável e segura, parece operar na formação de nossas interlocutoras, conforme estas precisavam produzir táticas e agenciar redes no enfrentamento dos desafios interpostos pela precariedade de condições de vida.

De outro lado, temos certa diferenciação social em casos de distinção relativa, por conta da inserção em campos de ação específicos, conquistando certa notoriedade conforme as redes de ação articuladas. Referimo-nos às arenas política e cultural ou religiosa, logrando reconhecimento pelo menos nos limites de sua comunidade. Tais campos parecem ter se convertido em locus de intensa atuação, pertença e referência reflexiva e, em articulação, construção de suportes cotidianos, pela integração, pelo reconhecimento e pelos laços de reciprocidade. Estes últimos com incidência sobre as possibilidades de circulação e lazer e sobre as condições materiais, como, por exemplo, meios para migração, conquista de moradia e ocupações laborais.

Nesse sentido, partir dos itinerários narrados representa um esforço por compreender o lugar da escola desde as experiências e os em espaços de possíveis, isto é, conforme o configuram as pessoas que acessam a instituição. Assim, soubemos de contribuições significativas da escolarização, para além da instrumentalidade de alguns conteúdos, na vivência de temporalidades e reconhecimento social diferentes da exploração laboral ou no instigar do ativismo político. Desta forma, procuramos indiciar elementos diversos para interpretação do investimento na prática escolar em contextos de periferia.

REFERÊNCIAS

1. BRUSCHINI, Maria. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, 37(2), p. 537-572, 2007.
2. BUAES, Caroline S. Educação financeira com idosos em contexto popular. **Educação e Realidade**, v. 40, n 01, jan-mar/2015, p. 105-127.
3. DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano - 1**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2011.
4. FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
5. IPEA. **Brasil**: retrato das desigualdades - gênero e raça. Brasília: IPEA, 2013.
6. JOVCHELOVITCH, Sandra. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.
7. LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo: Editora Ática, 1997.
8. LINDÓN, Alicia. A periferia metropolitana da Cidade do México. In: PINHEIRO, Leandro R. (org.). **Itinerários versados**: questões, sintonias e narrativas do cotidiano. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2016, p. 73-114.
9. MARTUCCELLI, Danilo. Cambio de rumbo: la sociedad a escala del individuo. Santiago: LOM, 2007.
10. Sociologia, singularização e individualismo latino americano. In: PINHEIRO, Leandro R. **Itinerários versados**: questões, sintonias e narrativas do cotidiano. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2016, p. 49-70.
11. NUNES, Marion. **Restinga - Memórias dos bairros**. Porto Alegre: PMPA, 1990.
12. OBSERVAPOA. **Restinga**: dados gerais. Conforme Censo Populacional - IBGE, 2010. Disponível em http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?regioes=9_0_0. Acessado em 24 março 2016.
13. RATTIS, Alecsandro. Gênero, raça e espaço: trajetórias de mulheres negras. In: **Anais do XXVII Encontro anual da ANPOCS**, Caxambú/MG, 2003.

14. REQUENA SANTOS, Félix. **Amigos y redes sociales**: elementos para uma sociologia de la amistad. Madri: CIS, 2001.
15. RIBEIRO, Luiz C. Q. **Dinâmica sócio territorial das metrópoles brasileiras**. IPEA - Políticas sociais: acompanhamento e análise, 12, fev/2006, p. 221-229.
16. SACCHET, Teresa. Capital social, gênero e representação política no Brasil. **Opinião Pública**, Campinas, v. 15, n. 2, nov/2009, p. 306-332.
17. SIQUEIRA, Deis. **Religiosidade contemporânea brasileira**: estilo de vida e reflexividade. Sociedade e Cultura, v. 09, n. 01, jan-jun/2006, p. 13-26.
18. SOTERO, Edilza. Transformações no acesso ao ensino superior brasileiro: algumas implicações para os diferentes grupos de cor e sexo. In: MARCONDES, Mariana et al. (org.). **Dossiê Mulheres Negras**: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: IPEA, 2013, p. 35-52.
19. VIERA, Maria M. Incerteza e individuação: escolarização como processo de construção biográfica. In: DAYRELL, Juarez; et al (org.). **Família, escola e juventude**: olhares cruzados Brasil-Portugal. Belo Horizonte: UFMG, 2012, p. 276-297.
20. ZAGO, Nadir. A relação escola-família nos meios populares: apontamentos de um itinerário de pesquisas. In: DAYRELL, Juarez et al. (org.). **Família, escola e juventudes**: olhares cruzados Brasil-Portugal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 132-150.

Leandro Rogério Pinheiro

Sociólogo e doutor em educação. Professor na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS).

Como citar este documento:

PINHEIRO, Leandro R.. Itinerários em periferias e redes no entorno escolar: diálogos com moradoras idosas da Restinga/Porto Alegre. *Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 28, n. 1, jan. 2020. ISSN 1982-9949. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/11305>>. Acesso em: _____. doi:<https://doi.org/10.17058/rea.v28i1.11305>.